

A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Português

Propriedade da Empreza de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Editor:

INHO F. ROCHA

EDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — R. E. & E. ELIAS GARCIA, 45 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

Uma farça

(Continuação)

Nesta ocasião a prenda a marcha, enquanto o seu director, orgulhoso da sua obra, de braços abertos os aplaudiu e exulta no seu orgulho desmedido, crendo-se senhor de uma situação tracotamente preparada. Por toda a parte onde passa essa troupe aventureira espalha o ódio e o rancor e instiga, prometendo brindes, esbanjando ganancias, a que os ambiciosos da sua temperatura algemadas conquista do poder. E de dezenas em dezenas, guelhos apelados pelo povo do chefe supremo que de sorriso satânico os amparava e garantia, já fizeram os nossos actores trepando, até conseguirem quicar ao posaposo logar do chefe da multidão que ironicamente os aplaudia e vitorizava.

E assim transformados em um alinhado em que não era possível distinguir a entidade a quem estava confiada a direcção, ostentando no seu patrón um inconveniente apoio poderam os ilustres fúngues atingir o seu almejado fim, assegurando-se pouco a pouco de todos os pontos dominantes, sól serem senhores absolutos da situação. E assim os quase socialistas, amparados à muleta monárquica; os avançados da ontem que ameaçavam a posseção inteira de braço dado, fraternalmente unidos, com os seus perseguidores da huias, deixaram de ser os actores da farça para tornarem-se executores de um pomposo programa administrativo com que assombraram o município inteiro.

Mas se no desempenho da farça eles se tinham havido de maneira a não deixar ilusões a quem eritriamente olhasse a sua situação, lagando nos representantes que nem ao menos tinham a hora de conhecer-nos, nem tiveram a rudimentar delicadeza de visitar-nos, a desilusão foi completa quando se viram senhores da situação.

Estava realizado o seu sonho dourado; suas excelências sentavam-se galhardamente nas cadeiras municipais que tinham usurpado à custa de todas as fraquíbarras, de todas as artimanhas, de todos os promessamentos a de aviltantes compromissários.

E o seu vistoso programa tornou-se qual espantoso fantasma colecionado nas rementuras para assustar os irrespetuosos passarinhos e que afinal acaba por lhes servir de poço o cómodo descanso. Prometiam uma administração imaculada, cheia de melhoramentos vantajosos para o progresso e engrandecimento municipais e afinal apenas nos tem dito aumentos de impostos, revoltante desprazo, e criminoso abandono por todo quanto interessa a cidade e o concelho. Mas não adinra nada que assim seja pois que suas excelências não tem tempo que baste para satisfazer os pedidos dos seus numerosos amigos padres e monárquicos, que são final os senhores da situação e que não se fartam de exigências arbitrárias dos traidores votos com que os envidaram as cadeiras e o município.

Mas como a peça tem algum aspecto, deixaremos a arte para em breve apreciar a comédia ridícula que estão a desempenhar.

O 10º aniversário da República Portuguesa

Há já dez anos que a República foi implantada em Portugal. O novo regime implantou-se, devido aos erros e crimes da monarquia. Os últimos anos destes, foram de um significado tão eloquente, que de abismo em abismo, apressaram a sua queda. Há dez anos a Nação recebeu a República com júbilo e com a expectativa benéfica de quem quer melhorar.

Não tem corrido, é certo, o tempo, de modo a que a República Portuguesa prosperasse.

Os monárquicos irrequietos não têm deixado a República cainhalar, hostilizando-a constantemente. E o grande estremeço que toda a Europa recebeu, com a grande guerra, não a tem também deixado melhorar, pois em todos os países esta se ressentiu; quanto mais no nosso pequeno Portugal.

No entanto ela tem caminhado, através de todas as contrariedades, seguindo na sua marcha triunfal.

E melhores dias lhe advirão. Estamos disso certos.

Comemorando-se, nessa data, o decénio da República Portuguesa, nós queremos associar-nos à alegria que todo o bom português deve sentir, elevando, aqui, neste terra malaventurada, bem alto, o grito sonoro de: Viva a República em Portugal!

IMPRESSÕES e PENSARES

O Fenômeno da Costureira

Ha dias que principios de ouvir-se, em vários pontos do país, um picado ritmico de trabalhar de máquina de costura.

Chamam-lha o fenômeno da costureira.

O povo acredita nestas sombras de misterio que passam como raio de peste, porque a sua crença de timidez supersticiosa as explica, mesmo aluda porque na variada série da credice das aparições fantásticas dos corredores, ele julga ver o estranho mas justiciero mando dum Deus de força unica e retidão inegualável, que manda cumprir as penas e correr os fados áquelas criaturas que mal se portaram nesta vida de liberdades, e assim acaba o povo também a explicação definida e completa para o velho ditado que diz que quem neste mundo as faz, neste mundo as paga ou vem a pagar mesmo depois de morto.

E o poder da sugestão, no povo, é forte e susceptível de variantes, de modalidades curiosas,

porque desde tenro preparado nas urdiduras mais extravagantes dos contos mágicos das bruxas e lobisomens, vê distintamente os fantasmas mais diabólicos quando nem simples sombras distingue, ouve claramente vozeirões dos monstros das trevas quando nada apercebe.

Sugestionado, vê o que se lhe aponta e ouve o que se lhe diz.

Se é um estranho fenômeno que lhe aparece, dá uma explicação do caso, confronta-o com aquele outro semelhante que ouvia contar aos avós, acredita-o, teme-o, e o eco faz-se e estende-se numa propagação de sugestão, e a doce credice dos povos avoluma, aumenta, e a superstição caminha cada vez mais apurada, mais nova, acompanhando o adiantado viver dos tempos.

E' preciso que estas coisas não morram.

Têm o seu encanto e a sua explicação.

Ora se este fenômeno vai, no contrário de todos os outros semelhantes e muito falados, que apareceram como meteoros e deles resta a lembrança doce da recordação, será estudado pelos entendidos das complicadas ciências infusas, e se embrenhem depois em explicações enredosas de metafísicas incompreensíveis,

adivinhos fenômeno da costureira, nunca mais nele se fala, perde o encanto, o sabor ingênuo, e a desgraçada costureira que por este mundo traz um rosário pesado de penitência no descarrêgo de culpas, desaparece e bate com os costados no inferno sem remissão possível, e deixa de trabalhar, já e logo, sempre, constantemente, aqui e ali, acolá e além, naquele picado ritmico de trabalhar da máquina bem azeitada.

Estes casos não têm estudo.

São o misterio da superstição popular.

Estudá-los não aproveita ao povo (nem à ciencia tão pouco) e nem siquer, arreigado como é o seu poder da credice supersticiosa, acreditará nas explicações que lhe derem.

Estes casos são do tempo; são para o povo e só de povo.

O fenômeno da costureira é a nossa cabra de S. Miguel, a berregar noites sem fim pelo escuro da noite num carpir de queixas; sim as bruxas da Penha com lamparões acessos em danças pandémicas de estarrecer.

Já ouviram a costureira?

Quando ouvirem aquele picado ritmico de máquina de costura a trabalhar, é ela, a desgraçada rapariguinha que trabalha, trabalha sempre, neste mundo onde pecou, e espera, assim num trabalhar misterioso e escalto, conseguir al-

vio para as suas culpas e obter de Deus o perdão compensador.

E isto só o misterio da costureira, não se assustem nem perturbem o seu trabalho aturado.

Tanto motim fazem e tanto medo lhe têm, que a pobre rapariga muda de terra constantemente e leva uma penitencia efusional e mais castosa.

Agravam-lhe o mal.

Que fado triste o da desgraçada!

Até depois da morte a imposição de trabalhar, misteriosamente, escondidamente, talvez para os anjos do ar e para os fantasmas das trevas!...

Quem as faz, neste mundo as paga ou as vem a pagar mesmo depois de morrer.

Destinos, fados das criaturas!

Serra Carvalhal.

José Maria do Souto que parece ser quem desempenhava essas funções, nessa altura.

Este senhor, ou porque já não estivesse em exercício, ou porque não ligasse importância ao caso, mandou a mulher pelo mesmo caminho por onde viera.

O regedor, cada vez mais intrigado, apresentou-se, no dia seguinte na administração, onde já estava o sr. A. L. de Carvalho, narrando-lhe o acontecido.

O sr. A. L. estranhou muito o que se tinha passado e disse ao regedor que mandasse novamente a mulher à administração. O regedor perguntou-lhe se devia mandá-la acompanhada dos mesmos cabos ou doutros, ao que o sr. A. L. respondeu que era indiferente.

No dia imediato, deu o regedor cumprimento às ordens do administrador, recebendo deste, no mesmo dia, um ofício, para se apresentar na administração e bem assim outro individuo da mesma freguesia, a fim de serem ouvidos, não declarando sobre o que.

Compareceu só o regedor, porque o outro individuo, extendo doente, apresentou documento justificativo.

O sr. A. L. mostrou-se muito escandalizado, por o regedor ter mandado a mulher acompanhada de cabos armados. O regedor desculpou-se, dizendo ter procedido assim com receio de alguém oferecer resistência pelo caminho.

Nesta altura, entrou no gabinete do administrador uma pessoa estranha.

O regedor foi convidado a retirar-se e a esperar na repartição da polícia que fica contigua.

Eram altas horas da tarde e o regedor esperava ainda que lhe fosse dado despacho.

Por fim, viu aproximar-se dêle um guarda que o convocou a recolher à capela que serve de prisão, na esquadra policial!!!

Comentários:

Damos este relato a título de curiosidade, para que os nossos leitores vejam a sinceridade com que um administrador prega com o seu subordinado regedor, no chelindro. Po-

quanto, dizem-nos que o regedor padecente é amigo íntimo e correligionário do sr. Moreira Sampaio e que está na disposição de mandar a Jogueiros um açoate de sangue em paga do becadinho que passou a sombra na capa-

VARIA

— ♦ —

MAIS OUTRQ

Contam-nos o seguinte caso:

Na freguesia de Serzedo, desse concelho, há duas criaturas que se dão muito mal: são um tal «cantoneiro» e sua mãe.

Cada passo ha agonia entre eles e troca de palavras escandalosas.

Ha tempos o cantoneiro casou-se, mas continuou a dizer-se mal com a mãe.

Este, na ausência do filho, entrou, ha dias, em casa desse, onde se achava sózinha a noiva e, agarrando-a pelos cabelos, arrastou-a cá para fora, socando-a violentemente.

O sr. José Joaquim de Oliveira, regedor daquela freguesia, onde se deu este facto, interveio, na sua qualidade de representante da autoridade, intimando as duas mulheres a recolher cada uma à sua casa.

A sogra, que é das tais que nem de barro à porta, não obedeceu às ordens do regedor, portando-se desrespeitosamente para com ele.

O sr. Oliveira, vendo-se assim desautorizado, deu voz de prisão à mulher desobediente, enviando-a, acompanhada de dois cabos à administração do concelho.

Como na nossa mal-fadada terra ja não é possível saber-se quem é o administrador, os cabos dirigiram-se ao sr.

A VELHA GUARDA

a das Dorotéas.

De por nós, só temos que fechar o sr. regedor de Serzedo pelos bons amigos que arranjou e que lhe preste.

Será verdade?

Consta que uma comissão dissidente foi a Lisboa propositamente para conseguir que não se fizesse a arrematação dos passais deste concelho. Não sabemos se o boato se confirma, mas não nos repugna acreditar que seja verdade, pois conhecemos sobejamente a desinteressada colaboração que os padres lhes prestaram nas eleições tanto de deputados como administrativas. E agora era ocasião oportuna de eles satisfazermos também as pequeninas exigências dos reverendos, que deliciosamente alejados em alguns rendosos passais que arremataram por uma quantia insignificante, não lheham postivamente nenhuma vantagem de pagá-los pelo seu justo valor para neles se conservarem dominadores e altivos.

Mas, se é verdade, é mais uma infamia com que nos brinda a dissidência. Tal infamia porém não terá lugar sem o nosso veemente protesto.

E' preciso que de uma vez para sempre se acabo com a pouca vergonha e o favoritismo. Se a dissidência quer eriar adeptos creos com uma política séria, honesta em que alguma coisa se veja de útil para o engrandecimento de Guimarães e não com a constante prática de todas as ilegalidades e infamias.

E se não se sentem com coragem abandonar os assentos que ilegalmente ocupam, para hora do concelho e salvaguarda da dignidade de aqueles que iraigamente fundiram.

Vamos averigar se é verdade para recomendar o assunto a quem de direito.

Uma vergonha

Continua no estado do mais lamentável abandono a povoação das Taipas. O lxo amontoa-se à vontade em todas as ruas e largos.

Dizem-nos que nunca foi varrida uma rua depois que a atual vereança tomou posse da administração municipal.

Os jardins, que toda a gente que visita aquela linda estância tanto aprecia, estão em completo abandono: não se cuida da relva; os arbustos morrem à mísma de uma gota de água; o rapaz exerce as suas diabrerias contra as árvores que embelzezam as ruas e os caminhos; os animais vagabundos como em terreno baldio. Dir-se-há que a vereação pretende transformar um recinto que devia ser muito aprazível e cuidado em uma manutenção.

Que dirão os aquistas frequentadores daquelas termas?

Que juizo farão os inúmeros visitantes que ali acorrem e que esperavam encontrar a povoação zelada como estão o hotel e balneário e o seu parque?

Reclama-se em vão: a nossa voz perde-se no deserto. Ao sr. vereador do pelourinho não ha que recorrer, porque o povo das Taipas é republicano e não serve os seus caprichos; ele nem sabe os carinhos com que foi tratado.

E nem ao menos lá aparece, não vê alguém lembrar-se de aprovar a sua cabaleira para vassoura municipal.

Mas está agora nas Taipas o Sr. José Jacinto Junior, vereador, velho republicano, enjada de carácter e honradez estão bem superiores à mesquinha politiquerice dos rancilhos da dissiden-

cia. Ele ha-de ter apreendido as necessidades daquela provisão e saúfiamos que saherá fazer-lhe justiça, concordando que isto assim é uma vergonha.

Mais um escândalo?

Corre por aí, com bastante insistência e visos de verdade, que a Câmara está estudando a forma de presentear os srs. Alvaro Costa e Rocha dos Santos com a importante quantia de 25 contos, que foi quanto os mesmos tiveram de largar para cobrir o alcance na sua administração do celeiro municipal.

De tudo é capaz a dissidência. Já nada nos admira. Quem se locupleta com o dinheiro do jogo de Vizela, quem faz negócios escuros com o açúcar da Câmara, cujas contas, apesar de exigidas, ninguém vê, e cujos lucros confessados e ocultos ascendem às dezenas de contos, tem o suficiente bôjo moral, para que, a custa do pôvo, lhe não repugne reembolsar antigos colegas, de 25 contos em que eles se tinham apançado.

Será este o preço que os monárquicos exigem á dissidência pelos votos com que a puzeram na Câmara?

Seja como for, trata-se de mais um tremendo escândalo, duma repugnante roubalheira, com que a dissidência, prejudicando o povo deste concelho e servindo-se como duma gazúa da sua criminosa passagem pelas cadeiras da Câmara, tanta dar, de mão belhada, a dois cortifeus monárquicos, a importante quantia de 25 contos.

«A Velha Guarda» só se calará e ha-de, temes disse a esperança, evitar mais esta suprema vergonha!

Optima administração

A Câmara, que dos interesses municipais nada se importa nem tem em grande conta a politiquice reles, expulsou da corporação dos fiscais dos impostos, antigos guardas que sempre foram exemplares no seu serviço, pelo grande e horrível crime de terem votado nas ultimas eleições das comissões políticas do P. R. P.

E' repelente esta forma de proceder e demonstraria, suficientemente, os baixos instintos da tripeça da dissidência, se já não houvesse provas de sebejo da sua feroz bestialidade.

Mas é que não ficou por aqui. Para substituir os empregados que nenhuma falta tinham cometido, nomeou outros que já, pelas antigas vereações, da mesma corporação tinham sido demitidos por não terem dado boas contas de dinheiros recebidos!

E, segundo nos consta, essas criaturas já estão reincidindo.

E' tudo uma borga! Pois se o exemplo vem de cima... Haja em vista o dinheiro do jôgo de Vizela, o açúcar, o prometido presente da importância do alcance do celeiro, etc., etc....

E o povo que se aguente.

A procura dum chefe

A dissidência querer um chefe. Procura com afan uma pessoa que saiba ler e escrever e de gravata, que se ponha á frente daquilo. Os homens estão doidos! Qual é a criatura de ilusão e dignidade que quererá chefiar o grupelho de açucar e de dinheiro da batota, os aliados dos que se alcançaram no celeiro municipal? Quem quererá, com senso e brio, ir presidir a um grupelho que tem dado e continua dando sempre, as mais completas provas da sua tacanhez de espírito, da sua inopia, da sua falta absoluta de escrupulos?

E, no entanto, os homens querem um chefe. Um testa de ferro honesto, para dar uma aparência de honestidade áquile tudo. E lembraram-se... do sr. dr. David, reitor do Liceu! Que idéa farão eles do carácter deste cavaleiro para que nele pensem para tal fim?

Noticiario

Tesoureiros de finanças

Para esta cidade vem, dirigir a tesouraria de finanças, o tesoureiro de Viana do Castelo, sr. José P. Pereira da Silva, indo para aquela cidade, o sr. João Teixeira, que aqui estava. Oxalá que a nossa tesouraria de finanças melhore, com a vinda do novo funcionário, pois, a morosidade com que é servido o numeroso público que diariamente ali vai, muito tem deixado a desejar.

Serafim Rodrigues

Tem estado doente, indo melhor, o nosso amigo sr. Serafim José Pereira Rodrigues, estimado escrivão do segundo ofício do Juiz de Direito, desta comarca.

OBITUARIO

D. ADÉLIA TEIXEIRA GUIMARÃES

Nas Pedras Salgadas, onde se encontrava em tratamento, faleceu no dia 26 de Setembro passado, a sr. D. Adélia Teixeira Guimaraes, de 29 anos, casada com o nosso amigo sr. Ernesto de Vasconcelos, importante negociante. Nesta ainda, quando a vida lhe sorria feliz, vem a morte implacável e arrebata-a!

MANUEL GONÇALVES

No mesmo dia, faleceu no logar do Fundo, freguesia de Ponte, deste concelho, o sr. Manuel Gonçalves, de 43 anos, casado, proprietário.

O falecido era irmão dos nossos amigos srs. Dr. Jerônimo Gonçalves de Abreu e P.º José Gonçalves, da casa de Mourão, de Silvares.

AURELIANO LEÃO DA CRUZ FERNANDES

Na rua da República, desta cidade, faleceu, no dia 27 de Setembro passado, o nosso amigo sr. Aureliano Leão da Cruz Fernandes, de 40 anos, casado, importante negociante de ourivesaria.

O extinto era casado com a sr. D. Utnilda da Cunha Fernandes, e genro do sr. José Lopes da Cunha, proprietário.

FRANCISCO ANTUNES DE SOUSA

Também faleceu, na rua da República, no dia 30 de Setembro passado, o nosso amigo sr. Francisco Antunes de Sousa, de 50 anos, casado, proprietário da tipografia Sousa. O falecido era sobrinho do nosso amigo e correligionário sr. Francisco Ramundo de Sousa Guise e primo do Rev.º sr. Gaspar Roriz.

— As famílias envolvidas, apresentam a expressão sincera de suas condolências.

VELHARIAS

TABELA DOS PREÇOS DE ALGUNS GÉNEROS EM VÁRIAS ÉPOCAS

Continuado do penúltimo número

Em 1665 custava cada quartilhe de azelha 34 reis.

Em 1693:

Carna — um arratel	18 reis
Presunto	50
Uote	70
Azelha	42

Em 1718:

Um alqueire de trigo	480 reis
Milho alvo e centeio	440
Milhão	120
Palácio	400
Feijão	440
Castanha seca	300
Castanha verde	60
Grão de bico	300
Almude de vinho	480
Arroba de marrão	850
Uma galinha	150
Frango	20
Carcereiro	480
Quartilhe de manteiga	190
Carro de lenha	480
Uma copa de palha	160

Em 1666 custava à Câmara, cada braço da calçada de esquadria, 650 reis, chegando-se a pedir; de avenaria 180 reis; e a rebolida, 160 reis.

Em 1802, era o quartilhe de vinho verde a viatem; de Besto, a trinta reis; e maduro a quarenta reis.

Em 1830, julgando a Câmara que o número de tabernas era demasiadamente excessivo em relação ao povo da vila e que com tal numero arruinava a classe proletária e concorría muito para a corrupção dos costumes, ordenou o seguinte, em sessão de 16 de Outubro:

— Que em toda a vila apenas houvesse 24 tabernas, e estas nos lugares que a Câmara indicasse; que os taberneiros se fossem o prazo de 15 dias para o consumo dos vinhos existentes; que nas tabernas que ficassem existindo com a sua licença, apenas se vendesse vinho, pão e sardinhas; que as tabernas particulares nem pão se vendesse e que em toda a vila, finalmente, houvesse apenas uma taberna de vinho maduro.

REGIMENTO DOS OFICIAIS DOS OFICIOS EM 1719

Ofício de tecelão

Toalhas de 9 palmos, quer de Veneza, quer de Damaskinho	240 reis
Toalhas de 8 palmos do mesmo lavor	150
Toalhas de Veneza, de vara e meio de largura, fo delgado, por cada vara 120	
Toalhas de 6 palmos de largura, grossas	70
De uma vara de guardanapo de linha, de 2 terços de largo de tecelado	60
e cada vara de guardanapo, de meia vara de largo de tecelado	40

TECEDERIAS DE TECELADO

Tecelado de cada metro de pano da tecelagem:

22 até 24 varas, 40 reis

25 até 27 varas, 45 reis

28 até 30 varas, 50 reis

31 até 33 varas, 55 reis

34 até 36 varas, 60 reis

37 até 39 varas, 65 reis

40 até 42 varas, 70 reis

43 até 45 varas, 75 reis

46 até 48 varas, 80 reis

49 até 51 varas, 85 reis

52 até 54 varas, 90 reis

55 até 57 varas, 95 reis

58 até 60 varas, 100 reis

61 até 63 varas, 105 reis

64 até 66 varas, 110 reis

67 até 69 varas, 115 reis

70 até 72 varas, 120 reis

73 até 75 varas, 125 reis

76 até 78 varas, 130 reis

79 até 81 varas, 135 reis

82 até 84 varas, 140 reis

85 até 87 varas, 145 reis

88 até 90 varas, 150 reis

91 até 93 varas, 155 reis

94 até 96 varas, 160 reis

97 até 99 varas, 165 reis

100 e mais varas, 170 reis

101 e mais varas, 175 reis

102 e mais varas, 180 reis

103 e mais varas, 185 reis

104 e mais varas, 190 reis

105 e mais varas, 195 reis

106 e mais varas, 200 reis

107 e mais varas, 205 reis

108 e mais varas, 210 reis

109 e mais varas, 215 reis

110 e mais varas, 220 reis

111 e mais varas, 225 reis

112 e mais varas, 230 reis

113 e mais varas, 235 reis

114 e mais varas, 240 reis